

JUIZO CRITICO

DAS OBRAS LITTERARIAS DA EXM.ª SR.ª

D. Josefa Codina Umbert

PELO

Dr. J. Pereira Rego Filho

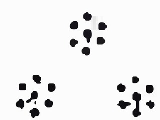
(Continuação).

«*A uma estrella*»—-Phantasia augusta de um espirito alevantado, de quem vive encantada pelas melodias celestes, e emocionada pelos murmurios de purissimas doçuras e fecundas ternuras, que o seu coração diz ouvir, como «a voz do amôr, alma do mundo». Ella sabe o quanto é nobre meditar nos fulgôres de uma estrella, interpretar esse scintilar de alegrias constantes, reflectindo-se na serenidade do azul do céo, em que o espirito guia-nos a essa mansão da paz. Para que o coração frúa em mysticismo digno das venturas que o amôr inspira-lhe, e saiba bem comprehender o valôr das fulgurações das estrellas, que até nós chegam com suas fagulhas, fulgentes de luz, como orvalhos bemvindos, creando magicas corporisações da luz que fazem esquecer a peste do egoismo. Porque em seus brilhantismos de elegancias sem rivaes, ninguem ha que desconheça n'esses lucidos

fulgôres adornos de harmonias raras para honrarem o faustoso das virtudes, que ahi tem morada augusta. Por isso essas myriades de constellações, grandes vasos magicos que tem o céo por oceano, onde não ha baixios, servem de fanaes ao coração dos crentes, para evitarem os naufragios sempre funestos nos abrolhos escabrosos do nefando scepticismo; são ellas que em destroços ideaes levam a fama das harmonias, que o céo encerra em hymnos triumphaes, que todos corações guardam em jubilos ineffaveis. Pelo que não tem razão Marinetti, quando em seu escripto «*O Amante das Estrellas*», disse:—«Serem ellas o desespero de nossas pesadas noites de febre! nossa dôr ideal! d'essas pobres dôres, crucificadas sob cravos de luz, mui longe, mui alto sobre calvarios de sombra! que sendo do amôr e do soffrimento fazem soluçar os mares.»

No entretanto, interpretando fielmente os vôos de imaginação da terna e piedosa poetisa, eu diria, admirando suas excepcionaes refulgencias, como o creador do «Colombo»:

Quantos prodigios antevejo agora
Preparando os caminhos da verdade!...
Em alta introversão a mente humana,
Pelo effeito da luz da consciencia,
Achará no finito o infinito,
Em si mesmo um quinhão da eternidade!



Original nos themas que escolheu como programma, para traçar um quadro poético em paisagens dignas, era de esperar que depois de tantas idealisações mysticas, viesse uma de typo terreno, á qual ella denominou «*Celos ó Amor*».

N'essa athmosphera de paixões naturaes, que a vertigem das doçuras experimentadas pelo coração faz com que a alma em illusões abençoadas, que o pezar respeita, sinta-se em encantos dos ferventes carinhos sonhados na

felicidade, e que no amôr buscasse as delicadezas de suas intimidades, sem que as feridas preparadas pelos ciumes fossem tentações funestas á sua existencia, a sua imaginação, labora em avidez de caricias, luzes e flôres, que constituem a melhor riqueza de um coração em sonhos de enternecimentos, em uma embriaguez natural e innocente, cujos paroxysmos são novos estimulos de encantos e de sentimentalismos enigmaticos sempre, tão difficeis as soluções dos problemas que encerram essas caracteristicas seducções das lutas dos affectos, os escrupulos d'esse infinitamente puro, das suavidades que o carinho impõe em suas travessas e dignas exigencias, despertadas quando em temôres advertidos sabe comprehender todos os gemidos do coração e dar valor ás cogitações da alma.

E assim é a origem do zelo e do amôr, sentimentos inseparaveis e tão caprichosos em sua evolução, e que a authôra graciosamente definio em sua inspiração, quando disse bellamente:

Celos ó amor ideal
que una luz misma amalgama;
regeneradora llama
de la dicha pedestal.
Aurora primaveral
de mágico resplandor:
para hacer en tu esplendor
más fecundos tus anhelos,
en amor fundes los celos
y en los celos el amor.

Ninguem comprehenderia melhor o congraçamento dos dois sentimentos, cuja luta synthetisa n'estes outros pensamentos:

Los que han sin celos amado,
nó fué amor lo que sintieron,
fué un delirio que mintieron,
una ilusion que han forjado.
Uno en el otro encarnado

amor y celos están,
y siempre enlazadosván
del bien que anhelan en pos,
divinisados por Dios
ó infamados por Satán.

Parece que mais bem traçados não podiam ser os delineamentos d'esses dois sentimentos raros, essenciaes á vida humana.

E quem não os tem acompanhado nessas reminiscencias,—agradaveis, quando não ha em seus deslumbramentos as sensações torturantes de indignas culpabilidades, mas obstinações de jubilos que tanto nos ennobrecem,—desesperadoras, quando funestas em suas manifestações ellas encarcéram toda a sensibilidade em seus ergástulos, reduzindo a vida á consciencia ferida em estupôr intimo, evoluindo-se apenas nas phantasias d'essas paisagens immoveis, em que o coração deleita-se; quando amortecidas as suas angustias, parece abrigar sonhos e ouvir murmurar de falas apaixonadas que constituem todas essas concentrações. Essa situação bem a pintou a poetisa, quando disse:

Tengo celos del rumor
con que tu alma se extasía,
los tengo de tu alegria
y los siento en tu dolor.
cuanto hay en tu alrededor
celos me causa y enojos,
y, digolo entre sonrojos:
de mi madre los tuviera
si espejo su alma no fuera
donde te miran mis ojos.

Essa tibieza moral que em seus antagonismos prepara-se, e em que dir-se-hia em demencia o coração e a alma em impaciencias, está excellentemente interpretada.

Quando ao mesmo tempo acreditar-se-hia, pelo delicado da phrase em que os aprecia, ser apenas uma so-

lemnidade de encantos indefiniveis, preparando essas melancolias nobres com que familiarisam-se os segredos dos instinctos do pudôr e as seducções irresistiveis, que muitas vezes em sorriso descuidado, em dissimulação deliciosa, gera a traição, que é o infortunio perturbadór d'essa harmonia entre os dois sentimentos, que tanto castiga.

E ella soube pintal-o, quando escreve:

Si los celos son amor,
en amor mi alma se abrasa,
cual flecha que la traspasa,
cual fuego devorador.
Impetu avassallador
que la razón no sufoca
ni cuando su auxilio invoca,
llegando en remotos vuelos
de mi misma tener celos
en mi exuberancia loca.

Mas o zelo gera afflicções e desassocegos perniciosos; pois quem não conhece essa expressão das lagrimas, quando em soluços e ais inquietos o coração sabe dizer as suas dôres e a alma as suas mágoas, traduzindo emoções de penas maiores, com que os zelos em suas caprichosas calmas, em martyrios ao amôr, levam a desordem e os tormentos maiores como sollicitudes de suas sensações crueis, então; porque só geram anciedades ao coração, já magoado de infortunios, por essas mysteriosas fatuidades da existencia humana, que sacrificam o socego do espirito e a paz do coração, deante do aquebrantamento das energias da vontade, victima d'essas complacencias banaes, que escravisam os seus prestígios, n'essas crises de soffrimentos inexprimiveis do regimen sentimental.

Terrivel é a dura comprehensão d'essas monstruosas hypocrisias, das quaes sem o menor remorso, e, longe d'isso, em cavillações funestas dominadas em sonhos tre-

mendos de visões mais feias, o ciume, em suas travessuras maldosas, anima-se a todos os estratagemas, com que possa victoriar os seus prospectos.

Quando são um escarneo permanente á felicidade e á virtude da vida da mulher, sobretudo; que só comprehende o perigo d'estes desfallecimentos moraes, quando percebe-se no abysmo de suas torturas, todo envenenado das suas desventuras; e, em nervosidade indisputavel, ella sujeita-se ao humôr contemplativo, que crêam as nostalgias acabrunhadôras, que tamanhas desillusões proporcionam ao invencivel pudôr da alma.

Imagem é precisa de todas essas transformações do coração, victoriado pelo ciume, n'essa plenitude de melancolias, que origina a immensidade da sua incerteza. Ao passo que illumina-lhe esse caminho de espinhos, onde todas as traições congraçam-se, para adormentarem a alma, e forçarem-na a todas as humilhações, que os desesperos moraes e as descrenças formam. Offerecendo, assim, perigo real ás emoções sinceras, incompatibilisando-se com todas as ternuras, e filiando-se assim aos desvanecimentos, fontes de apprehensões, que imprimem silencios atrozes á consciencia.

E porque? Vai dizel-o a poetisa, mostrando—quanto é astuta e inimitavel essa hostilidade que os dois guardam-se, por suas allianças inconquistaveis, desde que zelo é amôr, e amôr zelo é.

E ella bem disse-o n'esta apreciavel forma:

Celos tengo de la brisa
que besa tus labios rojos,
del objeto que tus ojos
ven con atención sumisa:
me da celos la sourisa
que esparce en tu far el sueño,
y celos tengo, mi dueño,
del ansia que en ti levanta
el avecilla que canta
con enamorado empeño.

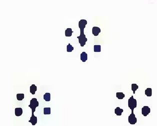
Mas, felizmente diz-se que é rapida essa manifestação; por isso não é ruina maior e só apparece — quando sentindo-se o coração submergir em ondas de odio, elle procura aniquilar n'esse sentimento de injustiças e desprezos que se oppõem á paz e ao socego; tão funestas as distancias moraes em que o ciume colloca as illusões do amôr, forçando a realidades tão humilhantes quanto perversas. Porque dissolvendo a vontade, faz de angustias immensas o echo maldoso dos remorsos, das agonias e pezares, que são as resultantes de suas tropelias e os silencios de extases de tristezas infinitas.

Mas inevitaveis desprestigios, porque as exigencias caprichosas das sociedades viciadas declaram, diz a authôra, que os...

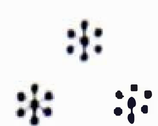
Celos han hecho inmortales
héroes del amor que han sido
cuyo nombre fué esculpido
en bronces yen pedernales,
De la historia en los anales
imperio tiene su hazaña,
del palacio á la cabaña,
desde el misero hasta el rey:
siendo infalible su ley
por todas partes entraña.

E porque? Porque na historia dos amôres é texto conhecido este bello retrato que a poetisa desenha de suas predilecções:

Me dan celos los destellos
que en mil tonos de colores,
dulces émulos de amores,
acarician tus cabellos;
me causan celos los bellos
rayos que tu mente anida:
y tengo celos, mi vida,
cuando en muribunda luz
aparece del capuz
la estrella que te es querida.



E tal é o curso da existencia humana, em que a authora, em generosos delineamentos, definiu os mysterios insondaveis e pungentes dos dramas do coração, de enredos tão raros, enigmaticos e excepcionaes.



E apezar de ser sempre a energia do amór que ao homem provoca, ninguem dá-lhe as costas, porque diz-se—que o amôr é a alma do mundo. Como tambem affirmou Victor Hugo, quando escrevia a Adelia Foucher:

« Ha dentro de nós um sêr immaterial, que está como exilado em nosso corpo, ao qual deve sobrevivêr eternamente. Esse sêr, de uma essencia mais pura, de uma natureza melhor, é nossa alma. E' a alma que géra todos os enthusiasmos, todas as affeições, que concebem Deos e o Céo. A alma ficaria na terra em um isolamento insupportavel, se não fosse-lhe permittido escolhêr, de qualquer forma, entre todas as almas, uma companheira que partilhe com ella a desgraça n'esta vida e a felicidade na eternidade.

« Logo que duas almas, que se tem assim procurado mais ou menos tempo na multidão, acham-se e tem visto que comprehendem-se, que entendem-se, em uma palavra, que são iguaes uma a outra, estabelece-se entre ellas uma união ardente e pura como ellas, união que se inicia na terra para não acabar no céo. Esta união é o amôr. »

E, coincidencia feliz, quando tinha acabado de ler este texto das cartas de Victor Hugo, e recordava-me da bella inspiração de Emilio de Menezes—«*Sem titulo*»—, n'aquella bella quadra em que diz:

Gravitem em redor satellites mesquinhos,
Os bastardos da luz, os espurios da gloria,
Que importa! Se este amor por tortuozos caminhos
Beijo a beijo nos leva á suprema victoria?

tocou-me a ventura de extasiar-me e familiarisar-me com a poetisa, lendo a sua bella producção «*Mi Amor Viene*», em que o pensamento reveste-se de galas e o coração sente desejos de ter enternecimentos.

Quantas ternuras e quanta vida moral encerra esta bella poesia, de elegancias maiores na forma, e verdadeiras em suas dicções!

Ouçamol-a em seus brilhantismos:

Mi amor viene: me lo dice
cuanto en torno és y palpita;
las hojas que el viento agita
al árbol junto al pasar,
la roja flotante nube
que enrando jirón asciende,
el sol que la tierra enciende
y el dulce rumor del mar.

. . . .

Mi amor viene: harto lo siento
en el alma estremecida!
A borbotones la vida
rebosa en el corazón,
y éste, dichoso y convulso,
con esfuerzo sobrehumano
intenta romper en vano
los diques de su prisión.

Mas no asi el alma, Señora
y arbitra de su albedrío,
que en ardiente desvarío
recorre esferas de luz,
y salvando mil distancias,
al lado del ser que adora,
renace, al fin, á la aurora
de un dia sin mal ni cruz.

Ninguem diria melhor, em singeleza tamanha, o panegyrico do amor, que em novas urdiduras de tecido pri-

moroso desenha seus fulgôres; mas raciocinio avantajado pode já fazer-se com as estancias reproduzidas.

*
* *

O mesmo juizo cabe ao perfeito com que organizou o dizer das angustias da vida, quando offerece-nos o seu « *Desterrado !* »

Os quintetos são magnificos, encerrando pensamentos magestosos na forma e reaes nas verdades expostas.

Quanto de mimoso ha nos versos que seguem, dirá o leitôr:

—Ven amor, amistad pura!—
con voces de desventura
va gritando el infeliz.—
Venid con vuestra ternura
aún pobre, seré feliz.

Vosotros sois mi consuelo,
áncoras que presta el cielo
al bajel de mi orfandad:
bienes no tengo del suelo,
mas si um corazon: tomad!

Pero ¡que veo! es quimera?
porque hostilidad tan fiera
me mostrais, decid, porqué?
qué os hice? mi fe es sincera!
porqué dudáis de mi fe?

—¡Eres pobre!—amargo y frio
el amor grita sombrio
con sarcastica impiedad.
—¡Eres pobre!—en cruel desvio
clama á su vez la amistad,

La lepra de la pobreza
que roe tu vil cabeza

del mundo mancha la luz:
en él triunfa la riqueza;
anda! carga con tu cruz!

*
* *

E' perfeito o quadro; como de delicias, a narrativa sympathica «*Uno más*», em que parece descrer da instituição moral, tão alevantada e digna,—do casamento; incredula mostra-se de suas venturas, quando diz:

« En el mismo momento junto á ellos
un féretro los novios ven pasar...
Verlo? ¡bah, no!: cuando feliz se cree
ciega es la humanidad.

Van á la dicha ó ciegamente corren
al abismo insondable?... ¡alto! ¡parar!...
Ay no me escuchan... ya allá lejos veo
un punto nada más.

Así pasan del mundo las quimeras
juventud, gloria, amor y libertad!
los que son empujando á los que fueron
en lucha desigual.

Mas qué delirio en mi su aquijón clavã,
Seguid, seguid vuestra jornada en paz,
« Nasieron para amar-se» dijo en vulgo,
y ventura es a mar!

Dejad que exclame, si, en mi es cepticismo
turbios viendo el engano y la verdad,
mientras eterna vuestra union ve el mundo;
—Un matrimonio más.—

*
* *

Não é, porem, verdadeiro o que a poetisa finge dominal-a; quando tantas aspirações nobres e crenças ha

asseveradas no seu bello idyllio «*Rayo de Luna*»: onde tão expressivas em canduras são as fallas dirigidas á Lelia, essa monja formosissima, que contempla o lento agonisar do dia, por entre a altiva, claustral e ferrea grade, «que o tibio Mayo de verdor cobria.»

Ha tanta pureza em sua phrase, que prejudicaria a concatenação dos generosos pensamentos, se desprendesse os élos da cadeia magica de embellezamentos, em que o «*Rayo de Luna*» está entrelaçado n'esse «coração ebrio de amor que expira, e o bem dita que está a narrativa feita d'esse delirio insano em que paira o amôr «nos multiplos edéns, onde não chega o carnaval do mundo.»

*
* *

Si bem dito é o «*Raio de Lua*», de phrases vantajosas é «*Nocturna*», onde pinta a noite adeantando-se rapida, e faz reluzir no céo em nivea gaze primeiro, e depois em disco de explendente prata, a branca Selené, a Lua bella.

*
* *

Sempre feliz é nos assumptos escolhidos, recommendaveis ainda á leitura: «*A Epistola Familiar*», «*Tu Pais Natal*», «*Dolce Farniente*», «*La humana dicha*», «*Orfeo*» y «*En la Opera*».

*
* *

Agradaveis sempre as impressões que a leitura dos seus «Versos» transmitte; pedindo sympathias á authora, e como termo de minha mal preparada critica a seu trabalho, direi:—que no fim de sua leitura, eu, sem querer, exclamei com ella, como expressão do meu moral alegre:

Sonhei que sonhando estava,
Que de sonhos se vivia
E ao despertar de meu sonho
Vi que sonhando seguia.

*
* *

E tão solemne foi a minha emoção, que ao sahir do extase em que empenhára meu coração, minha alma repetia contente—«*A Vida Nova*», do cultôr dos «*Poemas da Morte*», dizendo:

De uma vida sem fé de nebuloso inverno
Furtei-me, sacudindo o gelo da descrença.
Aquece-me outra vez este calor interno,
Esta immensa alegria, esta ventura immensa.

Sinto voltar de novo á minha antiga crença,
Creio outra vez no céo, creio outra vez no inferno,
Na vida que triumphe ou na morte que a vença,
Creio no eterno bem, creio no mal eterno!

E quando emfim do corpo a alma for desgarrada
E procure entrevêr a região constellada
Que aos bons é concedida, esplendida a irradiar,

Ao côro festival de um hymno triumphante
Abra-se a recebel-a, olympico e radiante
Todo o infinito céo do teu sereno olhar!..

*
* *

Está vencido o compromisso, quanto aos Versos. Agora, ao Conto «*Ezequiel*».

*
* *

O Conto «Ezequiel»

Um episodio interessante precedeu a esta leitura. Ia encetal-a, e tive de suspendel-a, annunciada pelo famulo uma visita.

Era a de um amigo de infancia; culto, viajado, de uma sociabilidade admiravel e de attrahentes sympathias, por sua conversação variada, instructiva e sempre apaixonada, nas bellezas da forma, em que salientávam-se sempre suas narrativas.

Farto o nosso ajuste de intimidades, tão distanciados iam os tempos, em que não nos viamos, todas as reminiscencias vieram á téla; desde os saudosos dias das travessuras escolares, que tão longe vão, até os extases raros, experimentados em nossas excursões, quando juntos viviamos dominados pelos sonhos e visões das scenas contemplativas das montanhas, a que tinhamos subido, e de todo o maravilhoso dos paineis, artisticamente desenhados pela natureza, dando tons de embellezamentos excepcionaes, de raras e originaes grandezas, e melhor firmando a admiração, senão a adoração dos seus fieis.

Escusado é affirmar que tiveram applausos o panorama esplendoroso do «*Silvestre*», no Rio de Janeiro, onde o observadôr, em seus deleites maximos, sonha viver em um edén de fadas ou paraiso de Deuses, tão espectaculoso é; as grandiosidades da «*Tijuca*», tambem no Rio de Janeiro, garantindo nos caprichosos enleios, que alli acha o coração, fartas saciedades ao bello; lamentavel sendo, que a imaginação humana não tenha os prestigios alevantados, necessarios á sua interpretação, e poder bem descrevel-as; o sumptuoso das «*Agulhas Negras*, do «*Itatyaia*», onde avida, sonhando o Infinito, a alma geme compungida, por não poder fazer ahi sua constante residencia, tão augusta é, antes que á eternidade faça a sua jornada; o pasmoso do «*Pico de Itacolomy*», de tão sensacional aspecto; o estrondoso da «*Cachoeira de Paulo Affonso*», em suas rivalidades inextinguiveis com o «*Salto do Guahyra*». Até chegamos ao prodigioso «*Amazonas*», esse collossal oceano de agua doce, tão pomposo em suas magnificencias, e a outras tantas maravilhas, que, trazidas á collecção, formariam muitos livros e de longo folego. Até deliciamo-nos com os encantos das viagens terrestres, pelos invios sertões, as maritimas e fluviaes. Tratamos do interesse que offereciam, e

o feliz em que vencia-se a existencia, já na amplidão e variedade das scenas espectaculosas que a floresta virgem prepara, já n'essa visão indefinivel e indefinida da extensão do horizonte, em que o infinito do mar e o infinito do firmamento, em faustosas galas, renovam, sem dar treguas nas elegancias dos seus ornatos, ás purezas, realces e magestades d'esses lugares, segundo as horas do dia, as magnificencias do dia, as metamorphoses galantes da atmosphera, e mesmo as disposições intimas do viajante, que, sem sentil-o, faz-se cultôr de idealismos, em generosidades inestimaveis.

E desde que fallamos em mar, sem pretendermos, mas como se de calculo e combinação fosse, ambos levamos homenagens ás explendencias e solemnidades creadas pela «*Bahia de Guanabára*»; e por uma successão de idéas, a essa rivalidade, em que dizem acharem-se as de Constantinopla, Sydney e Napoles, firmando-nos nas formosuras d'aquellas, mas sentindo ambos supremacias de Napoles, senão pela faustosidade de sua apresentação, mas pelo mimoso do seu desenho, que é lindissimo e de gentis encantos.

E n'ella estando, foi recordação assignalada «*Capri*», essa ilha tão afamada, que se levanta na ponta extrema da peninsula maritima, como diz Henrique Davray, «e era a mais linda perola da corôa de Napoles; tão celebrisada como a «*Ilha das Sereias*», apontada por Homero, e o refugio de Tiberio, durante os dez ultimos annos de sua vida; ilha afortunada, de clima igual e delicioso, morada da felicidade, como diz o author antes citado, sob um céo *ridente e piacevole*, onde a vida é radiosa e pacifica, longe das cidades de lutas e de febre, longe das multidões dolorosas e barulhentas, longe das fealdades e das vergonhas, parecendo o paiz afortunado, onde os dias devem escôar-se, felizes e risonhos, ao abrigo das vicissitudes humanas. Mostrando que as verdadeiras distracções, alli, são as frequentes solemnidades religiosas; e a proposito de certas ceremonias, ligadas aos costumes sociaes, celebrisou as bellas e pittorescas ceremonias votadas ao patrono da ilha, S. Constancio, como assignalou

—«*a benção das rosas*», no dia de Santa Zenobia, e a «*Missa de Paschoa*», na qual, no momento do «*Gloria*», os fieis dão fuga a passaros, até então captivos, symbolisando assim a libertação das almas pela «*Resurreição do Christo*».

Essa lembrança da immortalidade trouxe a ambos concentrações maiores. E sentir elle que manuseando ao acaso e automaticamente, os «*Poemas da Morte*», que estava sobre a mesa, tinha debaixo de suas vistas o titulo «*Campo Santo*»; e incidentemente repetindo, em extase accentuada, essa eximiedade do talento de Emilio de Menezes. E tamanha foi a emoção sentida, que pediu-me licença para retirar-se, porque necessitava de repouso.

A mim não deixou de impressionar; no entretanto, mesmo para desviar o espirito do tetrico, assim que o despedi busquei entreter-me na leitura do «*Conto Ezequiel*».

E, curioso, tratava-se de uma visão no cemiterio!

Este é tambem de uma feliz idealisação. Correcta em estylo; e se o conto não tem originalidades na idéa, está tão bem desenvolvida a acção do drama que agrada. Pode-se dizer que é um conjuncto de phrases harmoniosas, onde as phantasias da imaginação não tem fraquezas em suas expansões, tantas são as ficções em que se embrenha o seu espirito, buscando as alfaias de que deve ornar o seu talento, para dar a esta joia litteraria os primores de labor intellectual reflectido.

Corporisa-se a narrativa em uma entrevista dada por um trovadôr, cujo violino virtuoso em seus peregrinos rythmos, nas vibrações angélicas, modula melodias captivadôras que fazem despertar e vir a seu encontro uma mulher, cheia de encantos e formosuras tantas que seduz o musico, que, victima de seus deslumbramentos, apaixona-se; e, ébrio das ternuras que dominam-no, almeja a sua posse. Ella finge-se rebelde, mas, por suas revelações mais intimas, garante satisfazel-o mais tarde; mas como sphynge que é, desapparece sem deixar traços de si. A decepção acabrunha-o, e quando a mágoa augmenta, e no crescer das suas exaltações elle suppõe-se enganado

em um arrebatamento cruel, eis que surge de novo o espectro, enfrentando-o para annunciar-lhe vir cumprir com a sua promessa. Realisado o pacto, e quando ia indicar-lhe seu nome—«*A Morte*»—, teme amedrontal-o, com um nome tão horrivel em sua missão, e diz-se—«Liberdade»—.

A ficção foi vantajosamente definida, revelando no espirito da authora um creador esmerado de bellas imagens, e em seu coração sentimentos de aprimorado cultivo. O estylo é de escriptora elegante na forma e cheio de phrases suavissimas e encadeiadas bellamente.

Ezequiel pode syntetisar-se, acclamando-o—um canto melodioso de alma nobre, e de um coração de cultismos educados, em purezas moraes, accentuadas e invejaveis.

Fará honra a qualquer que o apadrinhar com seu nome, por mais elevado que seja o gráo de apreço e o brilho de sua intellectualidade.

Ezequiel é uma bella pagina de intimidade moral; e n'esse mysterioso de duas sombras que se unem como a de dois amantes na eternidade, ha uma linda pintura traduzindo:—que o mundo é muito estreito, para que n'elle tenha solução o enigma secreto da felicidade.

